



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CAMPUS SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

**PEDAGOGIA DE TERREIRO: CANDOMBLÉ COMO FERRAMENTA  
EDUCACIONAL ANTIRRACISTA**

Ana Carolina Pereira

Santo Antônio de Pádua, RJ

2023

Ana Carolina Pereira

**PEDAGOGIA DE TERREIRO: CANDOMBLÉ COMO FERRAMENTA  
EDUCACIONAL ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial  
para obtenção do título de Graduação em Licenciatura  
Interdisciplinar em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Cezar de Souza Lima

Santo Antônio de Pádua, RJ

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P436p Pereira, Ana Carolina Pedagogia de Terreiro:  
Candomblé como ferramenta educacional antirracista :  
Candomblé como ferramenta educacional antirracista /  
Ana Carolina Pereira. - 2023. 18 f.

Orientador: Silvio César de Souza Lima Lima.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade  
Federal Fluminense, Instituto do Noroeste Fluminense de  
Educação Superior, Santo Antônio de Pádua, 2023.

1. Entretecer o pensamento para ensinar. 2. Façamos das  
escolas terreiros pedagógicos antirracistas. 3. Educação e  
autonomia de identidade racial. 4. Candomblé como ferramenta  
Educativa. 5. Produção intelectual. I. Lima, Silvio César  
de Souza Lima, orientador. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação  
Superior. III. Título.

CDD - XXX

Ana Carolina Pereira

**PEDAGOGIA DE TERREIRO: CANDOMBLÉ COMO FERRAMENTA  
EDUCACIONAL ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial  
para obtenção do título de Graduação em Licenciatura  
Interdisciplinar em Educação do Campo.

Aprovada em 14 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Silvio Cezar de Souza Lima (Orientador) - UFF

---

Prof. Dra. Paula Arantes Botelho Briglia Habib - UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Fabricia do Nascimento Silva de Oliveira - UFF

Santo Antônio de Pádua, RJ

2023

## **RESUMO**

Este artigo apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do campo, propõe-se a criar propostas antirracistas dentro no sistema educacional levando o Candomblé como ferramenta para uma eficácia maior da lei 10.639/03. Para que isso aconteça, foi necessário analisar os processos educacionais e reconhecê-los enquanto um sistema moldado dentro de uma perspectiva colonizada.

Entender e reconhecer o candomblé enquanto sistema cultural e representativo dentro da educação nos leva a pensar novas possibilidades de identidade cultural e social para a população negra dentro de uma das instituições mais afetadas pelo racismo que é a educação.

**Palavra-chave:** Educação, Ensino Antirracista, antirracismo, ancestralidade

## **ABSTRACT**

This article presented to the Interdisciplinary Degree in Education course in the countryside proposes to create anti-racist proposals within the educational system, taking Candomblé as a possibility for greater effectiveness of law 10.639/03. For this to happen, it was necessary to analyze the educational processes and recognize them as a system shaped within a colonized perspective.

Understanding and recognizing candomblé as a cultural and representative system within education leads us to think about new possibilities of cultural and social identity for the black population within one of the institutions most affected by racism that is education.

**Keywords:** Education, Anti-racist Teaching, anti-racism, ancestry

## 1. INTRODUÇÃO

O artigo que aqui se apresenta, foi motivado primeiramente pela inquietação de uma estudante negra de escola pública e que teve seu primeiro contato escancarado com o racismo dentro dos anos iniciais escolares. Surge então dessa inquietude, o desejo de pensar possibilidades pedagógicas antirracistas através do Candomblé, no intuito de trabalhar pautas raciais por meio do mesmo para que outras crianças pretas não passem por situações de racismo sem saber como se defender ou até mesmo sem saber que estão passando. E, para a criação efetiva de uma pedagogia antirracista, se faz necessário um sistema de ensino contra-hegemônico que vai de embate com a clássica pedagogia tradicional. Para uma pedagogia antirracista é necessário que os alunos sejam ouvidos assim como suas histórias e experiência de vida, sem as amarras de um tradicionalismo ontem o professor é lido como “detentor” do conhecimento.

A pedagogia tradicional surgiu no século XIX em uma perspectiva liberal onde o educador é o agente de transmissão de conhecimento. O processo de uma pedagogia tradicional, se dá, basicamente pela fala do professor e escuta dos alunos. O professor fala e os alunos escutam como uma verdade absoluta visto que o professor é o “detentor do conhecimento”. O que pode ser extremamente perigoso quando o educador impõe seus valores e crenças acima da laicidade da educação. Por isso, em uma contraproposta a essa metodologia propomos uma pedagogia de terreiro, já que terreiro é todo ambiente onde há troca e todos são agentes transmissores de conhecimento.

Falar em educação no Brasil sem ressaltar como os processos e ambientes educacionais possuem, até hoje, sequelas da colonização Ocidental, é como fechar os olhos e negar que nosso sistema de educação é absolutamente afetado pelo racismo e suas diferentes ramificações estruturais. O racismo no ambiente escolar é uma das mais perversas formas de violência cotidiana em nosso país. Ele evidencia o contraste entre o papel que a escola deve desempenhar para enfrentar este problema e a reprodução de estigmas por narrativas e práticas adotadas nas instituições de ensino, pautadas em referências etnocêntricas (HENRIQUES e CAVALLEIRO, 2005 apud MUNANGA, 2005)

É dentro das escolas que crianças negras têm seus primeiros contatos diretos com o racismo e assim começam a ter seus conflitos de identidade racial e a idealizar aquilo que Neusa Santos Sousa em seu livro Tornar-se Negro chamou de “Ideal de Ego Branco”. (SOUZA

N.S- Tornar-se Negro p.2)

A predominância de determinadas religiões cristãs na educação escolar, a exemplo do catolicismo e protestantismo, que podem se manifestar contrárias à apreciação histórica e cultural das diversas religiões, tem contribuído para o estranhamento e hostilização da fé aprendida pela criança no seu grupo familiar e cultural, sobretudo ao se tratar de religiões de matriz africana. Isto pode torná-la confusa e, até mesmo, contribuir para que ela internalize a imagem negativa que a escola oferece sobre sua religião de origem. A religião é um aspecto de foro íntimo (SILVA, 2005 apud MUNANGA, 2005).

Mesmo com a lei 10.639 sendo obrigatória e com muitos avanços dentro das instituições de ensino por meio da mesma, pouco se tem conhecimento sobre ela o que torna cada vez mais difícil de ser implementada de forma efetiva nos currículos escolares. Faz-se necessária a criação de um currículo inclusivo que possua pautas raciais relevantes que tratem cultura africana e afro-brasileira dentro de uma cosmovisão ancestral e é o que nos leva a pensar nas escolas enquanto terreiro e nos faz repesá-las como terreiro pedagógico antirracista propondo o candomblé como ferramenta educacional.

É importante enfatizar sempre a importância da identidade negra, e como conhecer sua cultura é de suma importância para a construção dessa identidade racial e cultural negra. A escola nesse caso é aquela que temos como objetivo transformar em um terreiro pedagógico antirracista e trabalhar questões raciais dentro das perspectivas do povo preto.

“Na perspectiva da epistemologia das macumbas a noção de terreiro configura-se como tempo/espço onde o saber é praticado. Assim, todo espaço em que risca o ritual é terreiro firmado. Nesse sentido, esta noção alarga-se não se fixando somente nos referenciais centrados no que se compreende como contextos religiosos”. (SIMAS e RUFINO, 2018, p.42)

Entendemos que todo lugar é um terreiro com potencial para ensino e aprendizagem. Desde a encruzilhada ao barracão até as escolas, onde o saber é trocado e praticado faz-se terreiro. E traz à tona a importância de levar para escola elementos e ensinamentos de terreiros de candomblé. Quando falamos de candomblé e educação, precisamos pensar principalmente nos estudantes adeptos do candomblé dentro das escolas. Como a instituição de ensino abraça essas pessoas e como lida com o racismo estrutural travestido de preconceito. Muitos Educadores adeptos de religiões cristãs acabam por colocar suas religiões acima das

diretrizes curriculares básicas da educação, o que acaba ocasionando um atraso no reconhecimento de identidade e cultural de estudantes negros.

Em seu Livro ÈKÓOLÉ, Eduardo Quintana reúne uma série de depoimentos de candomblecistas e educadores que relatam suas experiências acerca de suas relações com os terreiros de candomblé e a educação, sempre em uma perspectiva religiosa cultural e apresenta uma comunidade-terreiro que criou um espaço escolar com o intuito de valorizar a identidade negra.

“Ao longo dos anos que pesquiso a temática, encontrei preocupações muito pontuais, que não são recorrentes no universo religioso afrobrasileiro. Assim, a Escola Eugênia Anna dos Santos, no Ilê Axé Opô Afonjá; a Escola Mãe Hilda, mantida pelo Bloco Ilê Ayiê, que funciona há mais de 22 anos dentro de um terreiro de candomblé; o Projeto “Aprendendo a Aprender”, implementado no Ilê Axé Ala Koro Wo, que teve por objetivo oferecer à comunidade-terreiro e seu entorno um espaço escolar e de afirmação da identidade negra (Salles, 2008), são exceções.”(ÈKÓOLÉ, QUINTANA 2016, p.37)

Por isso a necessidade de uma educação antirracista, para que o povo preto se reconheça culturalmente e socialmente em uma perspectiva afrodiáspora. O que propomos aqui, é levar o candomblé para as escolas dentro das diretrizes curriculares da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana no Brasil. Desprender pensamentos coloniais nas instituições de ensino, levando cultura e ancestralidade para os estudantes negros intuito de recriarem sua identidade racial e cultural, e se formarem enquanto potências antirracistas desde a escola.

## **2. EMPRETECER O PENSAMENTO PARA ENSINAR: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS AFRODIÁSPÓRICA**

É preciso pensar os processos educacionais enquanto processos moldados dentro de um sistema educacional embranquecido, logo, repensar esses processos passa a ser uma



necessidade. Em um modelo Educacional branco, pensado e contado pela visão do colonizador, é preciso criar um debate, desconstruir as bases de ensino e pensar o antirracismo como peça fundamental na descolonização das instituições de ensino e suas bases curriculares.

Rufino mostra em sua obra *Pedagogia Das Encruzilhada* um termo que nomeia como “Carrego Colonial” (RUFINO, 2019, p.13). Entendemos o termo enquanto consequências de um sistema de mundo, racista, capitalista, cristão, patriarcal, moderno europeu nas suas muitas violentas faces. O autor nos mostra a colonização como um maquinário de destroçar gente. Mas podemos dizer que “essa gente” é formada por uma série de marcadores sociais, tendo raça, classe e gênero.

A identidade, assim como o terreiro, não pode estar compreendida nos limites de determinada reivindicação identitária que torne absoluta em termos étnicos. Os discursos logrados nos termos do absolutismo étnico evidenciam a dinâmica dos jogos e das intenções que estão a ser estabelecidos. Constatamos que há, nas inúmeras práticas culturais recriadas na diáspora, particularidades que evidenciam a predominância de determinados elementos culturais em diferentes manifestações. (SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO LUIZ. *Fogo no mato, a ciência encantada das macumbas* 2018, p.54)

Como ebó para este “carrego colonial educacional” vamos levar a pedagogia dos terreiros como prática de uma política antirracista descolonizadora. Vamos descarregar a tradicionalidade colonizada, recriando assim temas e contando as histórias que os livros de datico não contam, através de história oral e ancestral, saber de onde viemos, porque viemos e como faremos pra voltar e essa volta é feita por meio deste ebó, deixemos pra trás todo ideal do branco para trazer de volta nossa identidade.

É importante dizer que assim como o Candomblé não está nos livros e sim na vivência, no trocar e sentir, uma educação antirracista não é hegemônica e está para além das salas de aula. Uma educação antirracista precisa ser cotidiana, corriqueira e vivida um dia após o outro. Assim como no terreiro, é ouvindo que se aprende, é vivendo e colocando em prática que se caminha para o combate ao racismo.

Para que seja colocada em prática essa pedagogia, é preciso pensar o Candomblé não como pauta de uma prática de ensino religioso, mas de história e identidade cultural do povo preto.

Romper com as barreiras da pedagogia tradicional e todo preconceito histórico e cultural é um dos principais desafios, construir uma pedagogia de terreiro, com intuito da troca de saber, saber ancestral, construção de identidade e desconstrução de uma pedagogia colonial é o princípio para a construção de uma educação decolonial com propostas antirracistas.

“ A noção de terreiro como prática que é inscrita em determinado tempo/espaço nos aponta que produções diaspóricas refletem as dinâmicas dos contatos e processos interculturais que amalgamam um complexo de sociabilidade trans-africana. Assim as noções de translocalidade e trans-cultura negra apontam para a diáspora, a partir de uma perspectiva cosmopolita.” (SIMAS e RUFINO, 2018, p.54)

A educação é uma das principais instituições afetadas e comprometidas pelo racismo estrutural ao qual também faz parte desse carrego colonial. Por isso, reafirmamos a importância de questionar os processos educacionais e seus processos contribuintes para buscar compreender até que ponto esses processos influenciam na reprodução de estereótipos e imaginário racista.

Abdias Nascimento em o Teatro experimental do negro (TEN) 1944, trouxe a importância da valorização da cultura Afro-brasileira pela educação e arte, o que nos leva a pensar que o protagonismo do povo preto é sobre identidade, identidade essa que vem sendo apagada pelas sequelas colonizadoras. No terreiro a ancestralidade é quem dita o aprendizado. Precisamos reconhecer quem somos e de onde viemos. Esù, aquele que vê primeiro e é comparado a um grande educador, é o princípio, a paciência, o dono da comunicação.

Trazer o Candomblé para as salas de aula é de suma importância para uma reconstrução identitária e cultural negra. Vamos limpar a tradicionalidade, recriando temas e contando as histórias que os livros didáticos não contam, através de história oral e ancestral, de onde viemos, porque viemos e como faremos para voltar e essa volta é feita por meio desse ebó de carrego colonial. Deixemos para trás todo ideal do branco para trazer de volta nossa identidade.

Para que essa reconstrução aconteça é necessário um ebó epistêmico para despachar o opressor e resgatar o que diz a escritora Audre Lorde, citada no livro de Djamila Ribeiro “É

necessário matar o opressor que há em nós, e isso não é feito apenas se dizendo antirracista: é preciso fazer cobranças”( RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista 2019, p.39).

Desprender da ideia de candomblé somente enquanto religião, mas levá-lo como cultura, saber ancestral e também detentor de conhecimentos. Afirmar que os povos africanos foram também grandes potências filosóficas que infelizmente tiveram seu reconhecimento apagado e substituído pela branquitude.

Uma educação antirracista e libertadora requer confrontar os aparelhos educacionais, questionar esse espaço social construído pelo colonizador numa perspectiva epistemicida que oculta e anula toda contribuição do continente africano e sua diáspora ao patrimônio cultural da humanidade. O despreparo de alguns educadores para lidar com o racismo na escola é também consequência de uma educação despreparada e desinformada em questões raciais, obviamente que não é um despreparo somente do professor mas de toda equipe que compõe a estrutura escolar. A doutora em filosofia africana Katiúscia Ribeiro em sua entrevista ao podcast “Mano a Mano” do rapper Mano Brown disse a seguinte frase “A educação formal brasileira serve a esse sistema racista e colonial. Ela não forma, ela formata”. É preciso investir em pensamentos afrodiaspóricos dentro das instituições de ensino e cobrar dos educadores pautas antirracistas e representativas diante das culturas e religiões africanas e afro-brasileiras dentro da lei de diretrizes de base da educação.

### **3. FAÇAMOS DAS ESCOLAS TERREIROS PEDAGÓGICOS ANTIRRACISTAS**

O colonialismo embranqueceu por completo os conteúdos educacionais, tudo como parte de um processo de apagamento da identidade da população negra na educação. A escola enquanto nosso primeiro contato social extra-familiar, é o princípio da nossa vida social, e é exatamente onde nós educadores devemos realizar o que vou chamar de trabalho de base antirracista. Para um ensino antirracista é preciso desnaturalizar o racismo e, com isso é necessário a também desnaturalização da demonização das religiões de matriz Africana. Uma pedagogia de terreiro dentro das escolas contribui para a formação do sujeito negro dentro de perspectivas culturais e sociais, faz parte de um processo educacional antirracista. Uma educação de base antirracista, onde existe uma troca de conhecimentos e vivência entre alunos e professores, professores e alunos e alunos com outros alunos é uma maneira de formar sujeitos antirracistas, politicamente organizados capazes de fazer cobranças políticas e educacionais questionando e combatendo o racismo estrutural.

Durante os primeiros anos escolares é quando as crianças negras têm seus primeiros contatos com o racismo, principalmente pelo fato de que o currículo mínimo dos conteúdos educacionais se limita a uma história dos colonizadores. Mesmo que esteja previsto pela lei 10.639/03 onde torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas diretrizes curriculares da educação brasileira. É preciso cobrar da Educação e das metodologias de ensino a existência de um ensino antirracista. Faz-se também necessário um alerta antirracista para os educadores e a importância de diferenciar racismo de bullying nos ambientes escolares.

Dentro daquilo que chamo de trabalho de base antirracista, torna-se fundamental o aprendizado sobre a história e cultura africana e afro-brasileira em uma perspectiva, narrada e escrita por autores e autoras pretos, africanos, Afro-diaspóricos e também afro-brasileiros. Pra que exista uma potência teórica antirracista é preciso vivência preta. É chegada a hora de contar “A história que a história não conta” como bem diz o samba enredo da Estação Primeira de Mangueira em 2019. Crianças pretas precisam saber e conhecer sobre as suas ancestralidades e a gloriosa era pré-colonial, fazendo com que se rompa o pensamento colonizado de uma África mítica, e pautar diásporas reais e Áfricas dentro da espiritualidade e demais valores africanos civilizatórios.

Em seu texto Epistemicídio para o Geledés 2007, Sueli Carneiro destaca que:

“O aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio” (Carneiro,2005)

Entendemos que é de sua importância que a lei 10.639/03 seja efetiva, possibilitando assim que nossas crianças negras tenham acesso a suas próprias histórias, e criem barreiras antirracista desde cedo.

#### **4. EDUCAÇÃO E AUTONOMIA DE IDENTIDADE RACIAL**

“(...) a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista.” (Lélia Gonzalez)

É necessário que dentro da educação, a negritude tenha uma narrativa sobre si e sobre seu povo. Precisamos, sobretudo, de uma Educação comprometida a resgatar a história do povo preto e recriar potências em cima de uma outra perspectiva histórica e sociológica. Entender se enquanto sujeito negro é um processo, doloroso e rigoroso, é desconstruir quem fomos condicionados a ser e construir quem de fato somos.

Recusar, negar e anular a presença do corpo negro é também rejeitar toda contribuição cultural do povo preto para o mundo. Um resgate histórico e cultural se faz necessário, saber de onde viemos, como viemos e porque viemos é o ponto principal de partida para entender quem somos. Tornar-se negro é resultado de um processo, e é importante compreender a importância desse passo a passo de autoconhecimento que é constante. “Ser negro na sociedade racista é experienciar a violência de forma constante, continua e cruel. Este processo é marcado psicologicamente pela recusa negação e anulação do corpo negro.”

(SOUZA, 2021)

Para Tornar-se negro, é, antes de tudo necessário entender todo processo histórico e de identidade cultural e racial no período pré-colonial, entender também os processos de embranquecimento sofridos pela população negra e a formação do ideal de ego branco enraizado dentro da diáspora.

#### **5. CANDOMBLÉ COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL**

Compreender os processos históricos de exploração da África pré-colonial e o próprio processo de colonização é urgente, e precisa ser iniciado dentro das escolas. Não aceitar mais a história branca contada como um “conto de fadas pelo olhar do colonizador”. É impossível falar de racismo sem tratar de intolerância religiosa, que é também uma sequela da colonização e uma de suas principais instituições, a igreja católica que por sua parte sempre reprimiu as religiões de matriz africana e afro-brasileiras no Brasil.

O candomblé, música ritualística africana que criou culto no Brasil, era impedido de ser tocado em áreas urbanas e visíveis, e em suma era tocado nas periferias por ser perseguido pela repressão da igreja católica. Mateus Aleluia, músico, compositor e pesquisador, disse em sua entrevista ao canal Trip TV: “A gente nunca descobre nada, a gente volta para tudo àquilo que nós somos e esquecemos que somos. O terreiro nunca saiu de nós porque o terreiro é África.”

O apagamento da identidade histórica e cultural do povo preto se deu no processo de colonização, onde tudo que fazia parte da cultura negra, vinda de África era brutalmente demonizado numa tentativa de desvalorizar e apagar a identidade. Tudo vindo de África que o branco com sua “moral” julgou bom, ele pegou para si em tentativas de embranquecer, e, tudo que julgou ruim fez questão de banalizar, desvalorizar e tentar apagar.

É, de fato, urgente desnaturalizar o racismo e suas inúmeras faces. Começando pela desnaturalização da demonização da cultura africana e afro-brasileira. Precisamos fazer cobranças. Cobranças que pautem dentro dos sistemas educacionais a valorização da cultura africana e toda sua representatividade para a população preta. É necessário fazer com que se reconheçam culturalmente para que se reconheçam também socialmente.

Propõe-se o pensamento de porque as pessoas têm tanta facilidade em levar seus filhos, por exemplo, ao cinema para assistir a história de um deus nórdico, mas, jamais levariam seus filhos ao cinema para assistir um filme que contasse a história de Esù. Por que Esù é ruim? Não. Porque Esù é preto. Não reconhecer as contribuições do continente africano para nossa cultura enquanto produção cultural, e uma cultura efetivamente presente na nossa história fazem parte de um projeto de epistemicídio, onde ele anula, apaga e desvaloriza tudo aquilo que veio do povo preto, seja cultural ou social.

Levar os ensinamentos de terreiro para dentro das salas de aula, fundamentando nossa pedagogia pautada nos ensinamentos de terreiro é o primeiro passo para o nosso trabalho de base antirracista. Ifá nos ensina sobre união: *“Ifá níkájowò ó; monikájowòó; ohuntí a*

*báḵowògígúnníhún*” que significa em português: “Ifá diz que devemos cuidar juntos, eu digo que devemos nos cuidar juntos; tudo aquilo que nós cuidarmos juntos vai ser bem sucedido”. As escolas precisam desnaturalizar a demonização e o racismo diante de tudo que vem do continente africano para que os estudantes negros aprendam sobre si mesmos e a importância de se protegerem enquanto egbé (comunidade).

## **6. PROPOSTA DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA: “Candomblé para além daquilo que se ouve falar”.**

É evidente, que existe a necessidade de que as escolas criem e implementem aquilo que chamaremos aqui de projeto político pedagógico antirracista (PPA), com a finalidade de expressar práticas antirracistas nos currículos das escolas, o PPA teria como principal função gerir e direcionar às atividades antirracistas elaboradas pela escola.

Como proposta de atividade pedagógica, utilizaremos da cartilha da Série Cartilhas Pedagógicas – vol.2 Candomblé, escrita por Camila de Souza Gouveia e Gisele Kliemann, a cartilha será utilizada como material didático base para que os estudantes conheçam de forma lúdica sobre o candomblé e suas inúmeras faces para além daquilo que ouvirem falar. A cartilha pode ser encontrada no site:

[HTTP://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/cartilhaspedagogicas/v2/7/index.html](http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/cartilhaspedagogicas/v2/7/index.html) e é dividida em 16 tópicos que podem ser destrinchados com calma durante os momentos de aula, entre os tópicos estão aspectos culturais e religiosos dos cultos afrobrasileiros como festividade, dança, terreiro, ervas etc. Durante a atividade proposta, os alunos vão escrever em um papel seus pensamentos a respeito das religiões de matriz africana, o papel será colocado em uma caixinha de forma anônima onde após todos colocarem, o conteúdo será lido com a finalidade de debater opiniões dos porquês de cada pensamento e como a opinião popular acerca das religiões de matriz africana são construídas dentro de uma perspectiva racista. Logo, se inicia um debate com a turma sobre como para desnaturalizar o racismo é preciso desconstruir também o preconceito religioso, sempre com o intuito de fazer com que cada estudante tire suas próprias conclusões sobre o tema apenas fomentando as reflexões.

Dentro de uma perspectiva pan-africanista e afrocentrada compreendemos o candomblé enquanto uma adaptação das culturas africanas no Brasil, e, levar o candomblé e os ensinamentos de terreiro para as escolas é uma forma de fazer com que pessoas pretas saibam analisar sua realidade social partindo do entendimento de que vivem em uma sociedade

estruturalmente racializada. Entender que ser negro não é só ter pele preta. É pertencer também ao sistema cultural africano e que se entender dentro desse referencial cultural é a “virada de chave” e tudo muda.

“Essa tomada de consciência é sinal da organização das intenções entre homens, numa existência de classe: professores e alunos. A reflexão africana deve concentrar-se também nas escolas.” (MATUMONA,

2011, p.160)

Veja bem, falamos de candomblé como sistema cultural africano que foi reestruturado no Brasil, não se trata de religião e sim ancestralidade. Tratar o candomblé como religião, foi a forma que os brancos encontraram de manipular, e deslegitimar tal cultura. Para o povo preto, conhecer o candomblé, se fortalecer na ancestralidade e toda conexão com o sistema cultural africano é potência e revolucionário para nós e para nossa história presente e futura.

Quando nos entendemos enquanto negros e pertencentes ao sistema cultural e ancestral africano, passamos a nos entender melhor enquanto parte da sociedade e paramos também de pensar os incidentes racistas como casos isolados e entendemos o funcionamento do racismo estrutural ao qual afeta diretamente as estruturas educacionais para pessoas pretas.

Contudo, compreendemos a necessidade e importância da identidade racial e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, e como entender o candomblé enquanto sistema cultural é fundamental para um ensino antirracista e a urgência de criarmos propostas educacionais antirracistas pautadas na ancestralidade é necessário para uma educação antirracista e efetiva.

### **Considerações Finais**

Ao decorrer da escrita do artigo, construiu-se um estudo bibliográfico de autores e temas com propostas pedagógicas decoloniais. A apresentação dos autores e temas tiveram a finalidade de construir o pensamento de uma pedagogia de terreiro pautada na luta antirracista. Os autores e autoras utilizados no processo de pesquisa e escrita possuem temáticas que se perpassavam em algum momento, e abordam de diferentes formas a temática antirracista.



Através do estudo bibliográfico foi possível analisar a forma como é construída a identidade racial da população negra no ambiente escolar e assim compreender a importância de uma identidade racial e o papel fundamental da cultura africana e afro-brasileira nesse processo. Foi possível também reconhecer os processos educacionais enquanto processos moldados dentro de perspectivas coloniais, fomentando assim o pensamento de que o candomblé é um sistema cultural fundamental para um ensino antirracista e que através dele e obviamente uma pedagogia de terreiro é possível criar propostas educacionais antirracistas.

## Referencias Bibliográficas

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004. 37p.
- CARNEIRO, Sueli Aparecida. A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Ser. 2005. 339f. Tese (Doutorado Educação) – Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma Vida. 1. Ed. São Paulo: Pólen Livros. 2019.
- CLASTO, Daiana da Costa; TONIOSSO, José Pedro. Discriminação racial: reflexos no processo de ensino-aprendizagem e na construção identitária do aluno. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, 5 (1): 129-149, 2018. Disponível em: link. Acesso em: 26 ago.2020.
- FANON, Frantz. Pele Negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, [1952] 2008, 194p.
- GONZALEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras. 1. Ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África. 2018.
- LORDE, Audre. Textos escolhidos. Disponível em: <difusionfeminista@riseup.net> Acesos em 10 de janeiro de 2012.
- MATUMONA, Muanamosi. Filosofia africana na linha do tempo : implicações epistemológicas, pedagógicas e práticas de uma ciência moderna. Lisboa : Esfera do Caos, 2011.
- MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 2ª ed. Revisada (p.15-20).
- NOGUERA, Renato. Amenemope, o Coração e a Filosofia, ou a Cardiografia (Do Pensamento). In: BRANCAGLION, Antonio; LEMOS, Rennan; SANTOS, RAIZZA (Org.). SEMNA – Estudos de Egiptologia II. 1. Ed. Rio de Janeiro. Editora Klínê. p. 117 – 127. 2015.
- RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista (2019)
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. 1.Ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.
- SAN'ANA, Antonio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 2ª ed. Revisada (p.39-68).
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato, a ciência encantada das macumbas. Mórula Editorial. 2018.
- SOUZA, Neusa Santos. . 2021. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.